

Putin reconhece separatistas na Ucrânia e envia tropas de apoio

Putin ataca a Otan e afirma que Ucrânia nunca foi Estado verdadeiro

ROSTOV-DO-DON

Em longo discurso em rede nacional de rádio e TV para anunciar o reconhecimento das auto-proclamadas repúblicas separatistas russas do leste da Ucrânia, o presidente Vladimir Putin não poupou a Otan e o país vizinho de críticas. Ele condensou argumentos anteriores para dizer que a Ucrânia não é propriamente um Estado, e sim uma parte da Rússia, acendendo ainda mais os alertas do temor de uma invasão — logo após o Kremlin determinou o envio de tropas para apoiar os separatistas étnicos russos.

A fala foi recebida com fogos de artifício e a presença festiva de alguns moradores de Donetsk, capital de uma das regiões, que celebraram depois de mais de 50 minutos de discurso dolorido russo. Já em Rostov-do-Don, principal cidade próxima da fronteira das duas regiões, não houve comemoração.

Esse foi um dos mais duros discursos desde que Putin assumiu a cadeira, em 9 de agosto de 1999, para não mais sair do Kremlin em quatro mandatos presidenciais e um interregno como mandachuva no governo de Dmitri Medvedev (2008-12).

Todo o desprezo pelo Estado ucraniano que Putin desenhara em artigo do ano passado foi exposto. "A Ucrânia virou uma colônia de marionetes. Os ucranianos desperdiçaram não só tudo o que nós demos a eles durante o tempo da União Soviética, mas tudo o que eles herdaram do Império Russo. Mesmo o trabalho de Catarina a Grande".

Para ele, há "integração" entre a Ucrânia e a Otan, mesmo sem acesso formal de Kiev à aliança militar ocidental. Sombrão, disse que a Ucrânia "está preparando ação militar contra nosso país", aproveitando o erro do presidente Volodimir Zelenski no fim de semana, quando ele votou a ideia de procurar ter armas nucleares para deter Moscou.

Histórico de tensões na Ucrânia

1991 Leonid Kravchuk, líder da república soviética da Ucrânia, declara independência de Moscou

2004 O candidato pró-Rússia Viktor Yanukovich é eleito presidente, mas negociações de fraude nas eleições levam a nova votação e o ex-premiê Viktor Yushchenko é eleito, com posição pró-Occidente

2008 Otan promete à Ucrânia que um dia o país se juntará à aliança

2013 O governo Yanukovich suspende negociações com a União Europeia e retorna a Moscou, no ano seguinte, o Parlamento afasta Yanukovich, que foge para a Rússia

2014 Homens armados tomam o Parlamento na Crimeia e hasteiam a bandeira russa — a região fora entregue a Kiev na década de 1950.

2015 Otan promete à Ucrânia que um dia o país se juntará à aliança

2016 Em maio, o empresário Petro Porochenko é eleito presidente com uma agenda pró-Occidente

2019 Comediante Volodimir Zelenski é eleito com promessas de combater a corrupção e acabar com a guerra no leste da Ucrânia

2021 Tensões na fronteira leste com a Rússia voltam a subir, levando ao conflito atual

A Otan, disse, é o verdadeiro agressor. A organização está "armando e comandando" Kiev. Como há cerca de 800 mil cidadãos russos no Donbass (o leste ucraniano, metade do qual está na mão de

separatistas desde 2014), Putin disse que era necessário reconhecer a independência.

"Se a Ucrânia fosse se unir à Otan, serviria como uma ameaça direta à segurança da Rússia", declarou o presidente.

Ele não falou, mas o corolário é o envio subsequente de ajuda militar e tropas à região, o que porá a guerra na ordem do dia. Já há ao menos 150 mil soldados russos em três frentes em torno da Ucrânia, ao menos de acordo com as contas ocidentais.

Ele fez uma revisão histórica, repetindo o que defende desde os anos 2000, que a Rússia foi "roubada" com a implosão soviética de 1991.

Na sua visão, milhões de russos ficaram para trás de suas fronteiras, o que chamou de "maior desastre geopolítico do século 20", mas agora, com o ultimato pedindo o fim da expansão da Otan a leste, fica claro que falava também da perda de profundidade estratégica — países e áreas aliadas ou neutras o separando do inimigo presumido.

Voltando ao texto de 2021, Vladimir Putin afirmou ainda que "a Ucrânia nunca teve tradições próprias de Estado". Em resumo, ainda que o presidente não tenha dito isso, sugere que a origem como um país só com a Rússia e a Bielarus deveria ser a base de uma redefinição — que já está avançada na área militar com o a ditadura aliada.

"A Ucrânia moderna foi inteiramente criada pela Rússia, mais precisamente pela Rússia bolchevique, comunista. [O pai fundador soviético Vladimir] Lênin é o autor e o arquiteto. E agora seus descendentes gram deliraram os monumentos a Lênin na Ucrânia. É o que chamamos de descomunicação. Você quer descomunicação? Bom, isso serve para agente. Mas é desnecessário, como dizem, parar no meio. Estamos prontos para mostrar o que real descomunicação significa para a Ucrânia". Igor Gielow,



O primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson

Boris retira restrições, e Inglaterra é 1º grande europeu a se abrir

Suspensão de testes gratuitos e de isolamento obrigatório em casos de Covid-19 não vale para todo o Reino Unido

LONDRES (REUTERS) Contrariando orientações de especialistas, o primeiro-ministro do Reino Unido, Boris Johnson, anunciou nesta segunda-feira (21) que vai retirar todas as restrições ainda em vigor para conter a Covid-19 na Inglaterra, incluindo o isolamento obrigatório de pessoas contaminadas. A estratégia, batizada "convivendo com a Covid", foi anunciada um dia após a rainha Elizabeth II obter o diagnóstico da doença. A princípio, os anúncios não valem para Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte, que compõem o Reino Unido juntamente com a Inglaterra.

O relaxamento é considerado prematuro por especialistas, que temem que deixe o país vulnerável a novas variantes do coronavírus. Além do fim do isolamento obrigatório, marcado para 24 de fevereiro, o governo também vai deixar de distribuir testes gratuitos para detecção da doença a partir de 1º de abril. A ideia de abandonar o que resta de restrições é prioridade para muitos legisladores do Partido Conservador — o de Boris —, cujo descontentamento com a liderança do primeiro-ministro, que enfrenta uma série de escândalos por ele mesmo furar restrições em seu gabinete, ameaçou sua estabilidade no cargo. Críticos afirmam que o anúncio de suspender restrições também é uma tentativa de desviar a atenção desses escândalos. O Reino Unido soma mais de 160 mil mortes pela Covid-19, sétima maior cifra no mundo. O anúncio coloca o país como a primeira grande economia da Europa a permitir que pessoas infectadas frequentem lojas e transporte público sem restrições e trabalhem presencialmente. Enquanto outros países europeus mantêm as regras de distanciamento social e obrigatoriedade de vacinas, Boris tem dito que é hora de a população assumir a responsabilidade e resumir liberdades individuais. "As restrições representam um grande custo a nossa economia, a nossa sociedade, a nosso bem-estar mental e às chances de vida de nossos filhos. E nós não precisamos mais pagar esse custo", afirmou o premiê ao Parlamento. "Então, vamos aprender a conviver com esse vírus e continuar protegendo a nós

mesmos e aos outros sem restringir as nossas liberdades".

Os governos de Escócia, País de Gales e Irlanda do Norte têm suas próprias restrições contra a Covid-19, mas dependem de dinheiro do Reino Unido para distribuir testes à população. A primeira-ministra escocesa, Nicola Sturgeon, criticou o anúncio: "Permitir o desmantelamento significativo da infraestrutura de testes construída nos últimos dois anos seria uma negligência imperdoável, dados os riscos contínuos". Boris disse que o governo vai manter estruturas de vigilância para evitar novas variantes, mas se justificou dizendo que a variante ômicron tem causado doenças menos graves. "É apenas porque sabemos que a ômicron é menos grave. Os testes em escala colossal que temos feito são muito menos importantes e muito menos valiosos na prevenção de doenças graves", disse. "Isso teve um grande custo. Agora devemos reduzir isso".

Covid na Inglaterra

Novos casos



Novas mortes



Hospitalizações



Fonte: Governo do Reino Unido

Crise remete a 2014, mas lembra mais a guerra de 2008 com a Geórgia

ANÁLISE

ROSTOV-DO-DON Em meio ao teatro montado por Vladimir Putin para dramaticamente colocar o 21 de fevereiro de 2022 em destaque na história do pós-Guerra Fria, um detalhe chamou a atenção. Em sua fala com considerações sobre a crise, o ex-presidente Dmitri Medvedev fez um paralelo entre a situação atual e a que ele viveu no Kremlin em 2008, quando esquentava a cadeira até 2012 para a volta de Putin, então acomodado como premiê.

Ele não poderia estar mais certo, e isso sugere uma situação de altíssimo risco. A crise remete, claro, à situação inconclusa da guerra civil iniciada depois que Putin anexou a Crimeia em 2014, para impedir a entrada do país nas estruturas ocidentais após a derubada do governo que lhe era servil em Kiev.

Mas o desenvolvimento atual parece dizer mais a respeito da guerra de cinco dias que o Kremlin empreendeu na pequena Geórgia em agosto de 2008. Naquele momento, a "manu militari" russa foi usada pela primeira vez para tentar cobrir a expansão ocidental sobre antigos satélites comunistas.

Assim como a Ucrânia, a Geórgia tinha duas áreas de maioria étnica russa, a Abkházia e a Ossétia do Sul. Um misto de pressão russa e o voluntarismo do então presidente Mikheil Saakashvili jogaram sua rota de colisão com Moscou.

O resultado foi a intervenção dos russos, que haviam mobilizado dezenas de milhares de soldados para um exercício militar nas vizinhanças. Sua família? Não é casual que o Ocidente esteja em alerta desde que viu os primeiros de mais de 150 mil soldados se mexendo em torno das fronteiras ucranianas.

A guerra foi má, militarmente, para Putin, que viu sua aviação humilhada em desempenho, mas até por gravidade, ele foi vencedor. Logo na sequência do conflito, status quo resolvido, o Kremlin tratou de reconhecer as duas entidades.

Em 2014, a história foi semelhante em objetivo (frente ao Ocidente), mas diferente em método. A Crimeia era uma região russa ao longo dos séculos, tendo sido dada à Ucrânia por um capricho da liderança soviética em 1954. A ação russa para apoiar os separatistas que promoveram um referendo considerado ilegal pelas Nações Unidas foi mais sutil, na forma de forças infiltradas.

Deu certo. A segunda etapa, a guerra civil, em um momento inicial acendeu sonhos nacionalistas russos da construção da Nova Rússia, área que uniria a região de Rostov à Crimeia, passando pelo Donbass. As dificuldades em campo e o próprio fato de que observar aquela região menos homogênea seria uma tarefa hercúlea e impagável mantiveram Putin relativamente distante.

O que lhe interessava era o congelamento do conflito e o status de Estado quase falido da Ucrânia, e que lhe impedia na prática de entrar tanto na Otan quanto na União Europeia. No começo de 2021, embalado pela retomada de áreas ocupadas pelos armênios nos anos 1990 pelo Azerbaijão, Kiev ensaiou ameaçar o Donbass.

Putin mostrou os dentes em uma mobilização rápida, cortesia da reforma militar pós-2008. Mas o que não era claro era o caráter de "test-drive" daquele momento de abril do ano passado.

A relação de Moscou com os separatistas sempre foi algo turbulenta, mas agora eles conseguiram o que queriam. Ao enviar tropas a pedido deles, como seria óbvio que aconteceria, Putin dá um passo além e arriscado.

Se ele se mantiver dentro das linhas atuais de fronteira e militarizar o terreno, contudo, sem reivindicar terras ucranianas das antigas províncias de Lugansk e Donetsk, terá a oportunidade de estabelecer uma vitória para seu projeto estratégico sem disparar um só tiro. Putin conta com os EUA em modo agressivo, mas se recusando a falar em região por motivos de conflito mundial entre potências nucleares. Sanções parecem não mais assustar. Seu redesenho à força da realidade de segurança no Leste Europeu está à mão, mas muita coisa ainda pode dar errado. IG

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

Seção: Mundo **Caderno:** A **Página:** 10